

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO - Agência em Lisboa - P. dos Restauradores, 13-3.º-D. - Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Pró-Monumento aos Mortos da G. Guerra

Ao vate vimaranesa Costa Guimarães.

No número de 3 de Setembro último, do *Comércio de Guimarães*, o vate Costa Guimarães, num soneto onde a sinceridade anda de braço dado com a ironia, presta homenagem aos nossos queridos mortos da Grande Guerra e insurge-se — e muito bem — contra os plutocratas do *Comércio* e da *Indústria*, como da *Nobreza*, na questão do monumento. Vem, ainda, a tempo o seu penhorante auxílio que não amiga trouxe ao meu conhecimento há poucos dias. O monumento já vai dando que pensar, no que respeita à demora. Se há casos em que a quantidade deve primar à qualidade, este — o do monumento — é daqueles em que a qualidade deve suplantar a quantidade. Eu sei — como toda a gente — que há *vultos de qualidade* que ainda não se pronunciaram — nem nunca se pronunciarão — pró-monumento e outros, que, tendo obrigação moral de o fazer, o não efectivaram por indolência, indiferença ou preguiça, como por avaria sordida ou acinte malévolo, *qual seja o de já terem contribuído com o pagamento da sobretaxa da carne!* O brio e a dignidade da vetusta Guimarães, porém, é que não pode estar à mercê de gente que assim pensa e assim possa proceder, cobrindo-a de vergonha. A imprensa vimaranesa, porta-voz da opinião pública, reclama e continuará a reclamar justiça para os mortos da Grande Guerra; o monumento não pode tornar-se numa questão eterna, porque eterna será, então, a nossa vergonha que já dura há 17 anos. Se algum dos corretores da 6.ª volta a Portugal em bicicleta fosse vimaranesa e se tivesse notabilizado, vencendo qualquer etapa, já a esta hora tinha o seu monumento levantado. Mas o que se não deu com um ciclista, pode vir a dar-se com um dos azes da bola e, daí, o receio de que o monumento reclamado por poetas e prosadores, justificada e insistentemente, continue à espera da sua vez. Bem haja, pois, Costa Guimarães, seguindo a esteira dos vates vimaraneses Delírio de Guimarães e Freitas Soares, bem como os prosadores de renome que me têm auxiliado nesta cruzada benfide de procurar perpetuar a memória querida dos filhos de Guimarães que morreram na Grande Guerra ao serviço da Pátria, mãe de todos nós.

Se na base do monumento — a realizar — fosse possível arranjar espaço para colocar o retrato a óleo, em tamanho natural, dos *beneficentes* que contribuísem para o monumento, outro galo nos cantaria; assim, não se dando largas à estúpida vaidade, a C. A. da Câmara Municipal há-de ver-se a braços com o encargo que honradamente assumiu e que — tenho essa fé que nunca perdi — cumprirá. O que é necessário é alimentar, hoje mais que ontem e amanhã mais que hoje, essa chama do nosso fervor — dos poetas e dos prosadores — em prol do monumento, para contrabater a indiferença egoísta e a avaria de sentimentos dos que não querem auxiliar-nos, financeiramente, só porque a ideia não brotou, espontânea e luminosa, do seu bestunho! Mas que culpa temos nós — os defensores do monumento — de que tão conspícuas criaturas não tenham ideias? Pois se éles nem fazem ideia do que é ter ideias!

Costa Guimarães, com ironia mordaz, pede aos *Cresus mil contos para arrumar o assunto*; eu já me contentava com mil escudos de cada um mas, afinal, pela maneira como as coisas correm, vê-se que éles se *esdadam* em não dar um centavo. Continuamos, pois, a matraquear no assunto, até que o remorso os apavore, tirando-lhes o sono; talvez que as insónias os obrigue a um exame de consciência e, finalmente, os comova. Não desesperemos; insistamos. Acalentemos, fervorosamente, a esperança de que o monumento se levantará — com o auxílio dos plutocratas ou, mesmo, sem êle — num dia que não vem longe e que êsse dia será de júbilo para a nossa Guimarães e, talvez, o início das maiores prosperidades para a terra que nos foi bérço. Quem deve, se quer ser honrado, paga; os filhos de Guimarães, ne entanto, *prezando-se de ser honrados*, têm uma dívida a liquidar há 17 anos. Isto quer dizer, salvo erro, que essa honradez está em cheque, por sua culpa, traduzida na indiferença duns, no comodismo doutros e na avaria dos restantes. Poucos se salvam.

Novembro, 1935.
MANUEL DE GUIMARÃIS.

De Guimarães e dos homens

Estrategista

A propósito do artigo «Unidade Militar», um senhor dizia no «Oriental» que não merecia a pena fazer tanto escarceio, pois Guimarães não é ponto estratégico. O que é que sua ex.ª sabe de estratégia? Quem o autoriza assim a falar? Com que direito sua ex.ª, que nem de Guimarães é, — felizmente para sua ex.ª — vem colocar-se ao lado daqueles que tudo fazem para impedir a colocação duma Unidade Militar nesta terra? Do mesmo modo que sua ex.ª fala de estratégia, nós poderíamos falar dos *monumentos*, mas não, pois bem sabemos o adágio: «Não subas sapateiro acima da chinel». Sem ofensa.

Os baírristas e o Hino «Nós cá somos baírristas» — ouve-se amiudadas vezes pelos cafés e tertúlias onde os baírristas impam a sua querença. Mas o baírrismo que êles apregôam é um baírrismo enfático, irritante pela sonoridade, inútil pela passividade. Uma espécie de amor platónico, sem a grandeza vibrante da posse.

Quando a música dos Guises, ou da Oficina de S. José, passa fangando o Hino de Vasco Leão, não deixo de sorrir e apresso-me a olhar as fisionomias beatíficas dos baírristas. «O! Guimarães, teu progresso e tua vida»... Lindo progresso e linda vida! Progresso de caranguejo, vida vegetativa daqueles que não sabem querer. Foot-ball — veneno Deslocam-se multidões para irem assistir a uns desafios de foot-ball. Compreendemos o entusiasmo que as multidões põem nas competências desportivas. Achamos bem, até certo ponto. Mas achamos demasiado que uma pugna desportiva tenha o condão de opiar a opinião pública, fazendo que esta se desinteresse de assuntos que mais deviam preocupá-la. Foot-ball — ópio... foot-ball — veneno.

UM VIMARANENSE.

GAZETILHA

Guimarães abençoada, Lindo cantinho de luz, Estás tão crucificada Que até me lembrás Jesus Com a túnica rasgada Dependurado na Cruz!

Guimarães, terra de encantos E de belezas sem par De heróis, de sábios e santos, Eu lamento o teu azar, E meus olhos vertem prantos Por te ver achincalhar. De Abissínia te apodou Um patusco dum braguez No domingo que passou Em que um árbitro soez Também até nos roubou Goals que o «Vitória» fez...

CLAROS. Ao sr. Chefe da Polícia Pedimos ao sr. Chefe da P. S. P. se digne ordenar aos seus subordinados para que não permitam a aglomeração de pessoas no passeio fronteiro à casa Braga & Carvalho, no Toural. Ninguém tem o direito de impedir o trânsito público. Na certeza de que somos atendidoss, desde já aqui deixamos os nossos agradecimentos.

A falta de um Teatro em Guimarães

Pois é verdade, amigo e bondoso leitor, como vinhamos dizendo e cantando, Guimarães, «Cidade risonha de antiga nobreza Rainha c'roada de glória imortal», não tem uma casa de espectáculos, onde, pelo menos, uma vez pelos caréttas possamos espairer e desanuviar, um pouco, o espírito das constantes arrelias e amarguras da vida. Não acreditam? Então, queiram fazer o favor de escutar:

Ao velho «D. Afonso Henriques», que velocências conheceram muito bem, trancaram-lhe as portas duma vez para sempre, o que mereceu geral aplauso; e o «Gil Vicente», talvez com desgosto, também desapareceu sem deixar a mais leve saíidade. Também foi à viola... Que pena! Que pena e que dó!

Só duma banda!
Só duma banda!
Só duma banda!
Só duma banda!

Aquele perfumado barraco que tanto contribuiu para nos agravar a maldita lesão que, mais dia menos dia, nos passará guia de marcha para o *terreno neutro*... onde as lisonjas se apagam e as mentiras não tem cabimento. Onde os vermes devoraram grandes e pequenos... ricos e pobres... sádios e anémicos... vaidosos e modestos... janotas e andrajosos... serenos e impulsivos... agradecidos e ingratos... valentes e medicadas... homens de boas contas e gente demorada e eternamente esquecida... e até os doidos mansos e os malucos furiosos... Todos, lá em cima, na Atougúia, e darem o corpo ao manifesto, ou seja, a dentuça dos vermes devorantes. Todos, ali, a satisfazerem aquela *contribuição* a que ninguém pode escapar. Guimarães sem um teatro! A velha, a linda, a gentil, a laboriosa, a sempre desditosa cidade, reduzida a expressão mais simples no que diz respeito a casas de espectáculos!

Pobre Guimarães! Desventurada gente! Pior do que a de S. Miguel do Monte! Tal e qual como a de S. Cosme da Lobeira ou a dos confinns da Lapinha! A que extrema penúria te deixaram chegar, Guimarães!

Há mais de trinta anos a pedir, a suplicar um teatro e sempre tudo como dantes, quartel general em Abrantes!... E é a isto que se chama ter amor à terra! A isto, senhores! O mentiroso palanfrório! E ainda criticam, dificultam e desgostam os que sinceramente se interessam por ela, por êste lindo botão de rosa que é todo o nosso encanto! O corações de pedra que não deixais trabalhar quem se propõe engrandecer Guimarães! Deixai, deixai trabalhar pelo progresso e bom nome da nossa terra! Deixai também, a nós, cantar e sorrir que:

«Sobre êste riso forçado
«Que choro a cada momento,
«Há saíidades do passado,
«Há dôr, há sofrimento.

(Uma voz): — Que bem que falas, meu amor!... — E quem haverá que não tenha imensas saíidades dos velhos tempos de outrora?... Que belas noites no «D. Afonso»... A Emília das Neves... a Emília Adelaide... a grande Virgínia... a inteligentíssima Angela... o Joaquim de Almeida... os Rosas... o Brazão... o Ferreira da Silva... o Taborda... o Vale... e tantos e tantos outros actores e actrizes ilustres que todos os anos vinham aqui deliciarnos com o seu formosíssimo talento! E hoje, senhores! Hoje — com amargura o dizemos — Bichos *anti-diluvianos*... o homem gigante... e a mulher gorda a tressandar a sovaquinho nas barracas da grande romaria de S. Torcato e nas das anémicas feiras de S. Gualter! (A mesma voz): — Até me fazes rolar as lágrimas pelas carminadas faces com as tuas palavras comoventes e doloridas!... — Não chores!... Não chores mais!... *Nunca t'aflijas e deixa correr o marfim!*... Deixa-me só com êles... Com êles que nada fazem a favor desta terra

Crítica Semanal

Na «berlinda», Festas Gualterianas.

Surgem os primeiros passos da Comissão que há-de levar a efeito no próximo ano as festas da cidade, de Braga. Igualmente segue os mesmos trâmites a Comissão das festas da vizinha vila de Fafe. Como estas, outras terras, lhe seguiram já o exemplo, nomeando as suas comissões e tratando a valer, para que a celebração das ditas festas seja um facto, e as mesmas atinjam um desuado brilhantismo. Guimarães, porém, continua inerte e sem fala. E' que os seus filhos, encarregados de defender a sua Causa, morreram dum forte ataque de... indiferença.

E assim a terra está abandonada, não tendo quem a defenda dêste mal... Sendo as festas o réclame duma terra e o desenvolvimento do seu comércio e indústria, é indispensável que elas se realizem pelo menos anualmente. Q'asi as únicas pessoas que lucram com a efectuação das nossas antigas Festas Gualterianas, são os industriais e comerciantes, mas nem por isso êles ajudam a sua realização, antes pelo contrário, procuram por todos os meios ao seu alcance dificultar que as mesmas tenham a sua efectivação e produzam aquele esplendor e aquela importância de há anos. E' uma verdadeira cidade de empata!

Não admira porque os nossos governantes locais são os primeiros a sofrer a mesma doença!... Podem-nos tirar sem receio o Licen e tudo que quizerem, que nem um pio se ouve de ninguém, perante as injustiças de que somos alvo... Poder-nos-á alguém dizer o que pensam as entidades competentes neste assunto, sobre a realização das nunca esquecidas Festas Gualterianas? Já trataram de nomear a Comissão que as há-de realizar no próximo ano de 1936? — Ou desistiram definitivamente da sua realização? — Não se limitem somente à realização das feiras, pois para isso é melhor acabarem com tudo e não tratarem absolutamente de nada. Estamos no direito de exigir umas festas condignas com o comércio, indústria, etc., de Guimarães.

O «Notícias de Guimarães», contribuirá, temos a absoluta certeza, com todo o apoio de que necessitem. Apelamos para a «consciência moribunda», de quem tem o dever de pugnar pelos interesses da cidade e concelho. A ver vamos?...

Reclamação justa. Pedem-nos chamemos a atenção de quem de direito, para o facto de a Repartição do Registo Civil, desta cidade, estar constantemente privada de passar cartões de identidade, por virtude de, geralmente, lutarem com falta de impressos. Como aclamamos uma reclamação justa, pois a dita falta de impressos pode ocasionar, por vezes, grandes prejuízos, assim a levamos ao conhecimento das instâncias competentes.

ARENDA J.ºr.

FERNANDO AIRES

ADVOCADO R. República - GUIMARÃIS

Lêde e assinaí o «Notícias de Guimarães»

que é de nós todos, desta terra a quem queremos tanto bem! — E's um tribuno, Zé de Serves! — Muito obrigado, meu povo!... Ai Guimarães, Guimarães, quem te viu e quem te vê! E's tal e qual o Pedro Cem que já teve e agora não tem! (Outra voz): — E' falso! Mariana diz que tem, Múto dinheiro na mão, P'ra fazer em Guimarães Um teatro ou barracão. Côro: O' ai! O' ai! O' ai meu bem! O carro amerciano Vai p'ra Póvoa sem ninguém! — Ouviram? Perceberam? Sem ninguém... J. DE SERVES.

Doas palavras de homenagem

E' uma verdade — mas uma verdade triste — aquela que nos convence de que nada pode escapar às leis da destruição e que ninguém pode fugir à morte, que é sempre implacável, arrastando consigo a existência de muitas pessoas que fazem falta, quer à família, quer aos amigos. Há poucos dias ainda, em 13 do corrente, deixou de pertencer ao número dos vivos, tendo de ceder à lei fatal, o cidadão ilustre dr. Joaquim de Oliveira, amigo dos mais leais, dos mais sinceros e dos mais dedicados, sempre pronto a dar provas da sua amizade, nunca deixando de atender, dentro do possível, todos aqueles que acolhiam à sua valiosa protecção. Dotado de um carácter pouco vulgar e de uma honestidade que não podia ir mais além, o dr. Joaquim de Oliveira era adorado pelos seus amigos, pelos quais nutria a mais elevada dedicação, motivo por que era querido de todos. Embora se tivesse revelado desde criança um destemido apóstolo do ideal republicano, a sua conduta, era de tal forma esmerada, que até nos próprios adversários políticos sabia conquistar a mais cativante simpatia. Sempre disposto a servir a todos, mesmo os mais humildes, assim espalhou a sua desigualável generosidade em larguíssima escala, praticando tanto bem como aqueles que melhor o sabem praticar lutando sem desfalecimento pelo progresso de várias terras, designadamente pelo da cidade de Braga, que muito lhe fica a dever. Assim o provou o saíidoso amigo, quando Ministro da Instrução Pública e quando Deputado da Nação, cargos a que foi elevado pelo valor do seu talento e de outras excepcionais qualidades. Não é só em plena guerra e por meio de sangrentas batalhas que se conquistam louros. O dr. Joaquim de Oliveira soube-os conquistar pela sua inteligência e pelo seu afável coração, o que não é menos útil nem menos glorioso. Estas palavras, que são inspiradas por um sublime sentimento de gratidão, estão muito longe de traduzir o significado que devem ter, porque não é a pena de um obscuro amigo que pode dizer quem foi êsse grande Estadista. Todavia, elas devem servir de estímulo a todos aqueles que imitem o dr. Joaquim de Oliveira, que passou uma vida inteira — embora curta, pois morreu novo — a dar exemplos de independência de carácter, de dedicação e de generosidade. Quem com êle conviveu mais de perto, sabe perfeitamente que estas palavras somente significam a verdade e que não são exageradas. Quantas vezes, com o sacrifício da própria saíde, já bastante abalada, não pôs de parte as suas comodidades para tratar dos seus amigos! Isto basta para provar o quanto era grande o seu coração, onde cada amigo tinha o seu lugar. Pode, pois, dizer-se que o ilustre morto, que era exemplar como chefe de família e como homem público, deixa o seu nome ligado a um continuo bem fazer, pelo que muitas devem ser as pessoas que hoje se curvam ante o seu túmulo, cheias de veneração e gratidão. A sua vida deve, pois, ser imitada por todos, até mesmo por aqueles que na política vão consumindo a sua existência, por que só assim poderão ter a certeza de que, como êle, se não de tornar dignos de merecer as bênçãos da posteridade. A sua perda, motivo de profundo e duradouro pesar, causou, como era de esperar, a mais dolorosa consternação, tanto mais que ninguém supunha que a morte, que não deixa de ser trântica e cruel, roubasse tão cedo à sociedade o prestimoso cidadão e o grande e querido amigo! Hoje, que o sorriso dos seus lábios já não existe para ninguém, nem para os amigos nem para os seus adorados filhinhos e idolatrada Espósa, desfolhemoss sobre o seu túmulo pétalas de dor e de eterna saíidade, como prova da mais justa e merecida veneração.

Chorado amigo! Que o descanso eterno seja a mais consoladora recompensa de todas as virtudes que neste mundo praticou.

Um amigo.

Matança ao ar livre

Tivemos conhecimento pelo nosso prezado colega local «O Comércio de Guimarães» de que, no terreiro de S. Francisco, se procedia à matança de porcos ao ar livre e em

Um homem de Fé

Entre a pléiade ilustre e numerosa dos colaboradores do *Noticias de Guimarães* — graças à qual êste semanário pode, sem favor, considerarse um dos primeiros jornais de província que se publicam em Portugal — há um que, pela sua assiduidade nas colunas dêste jornal e, ainda, pelo cunho de sinceridade que imprime aos seus escritos, tem jús a ser — como aliás, e muito bem, já tem sido — posto em lugar de merecido destaque. Quero referir-me a *Manuel de Guimarães*.

Como é, naturalmente, de todos conhecido, êste pseudónimo — pois é positivamente de um pseudónimo que se trata — esconde a figura simpática do ilustre oficial do exército, sr. Capitão Manuel da Silva — homem de uma só fé, amigo dedicadíssimo de Guimarães, à qual ternamente chama sua mãe espiritual, e para quem as dôres e as alegrias do velho bérço da Pátria são sempre motivo de tristeza ou saíisficação. Pode dizer-se, afoitamente, porisso, que não há ninguém nesta terra que desconheça a acção verdadeiramente fervorosa dêste baírrista sincero, em favor do monumento a erigir aos soldados de Guimarães, caídos nos campos de batalha, durante êsse inferno que se convencionou cognominar de Grande Guerra. E, como ninguém desconhece isso, ninguém pode também ignorar, sem merecer recriminação, que o seu titânico e humaníssimo esforço não tem sido devidamente correspondido por aqueles que são filhos desta terra e que, só por isso, se julgam bons vimaraneses.

Nós — francamente — não sabemos como *Manuel de Guimarães* tem ainda forças para continuar lutando num meio onde descaradamente impera o comodismo, a indiferença e o egoísmo. E' preciso possuir uma heroica força de vontade, é preciso ter amor — profundo e verdadeiro amor — a uma causa e a uma terra para se poder lutar em semelhantes circunstâncias. Quem acompanha de perto a causa de *Manuel de Guimarães* — a causa do monumento aos Mortos da Grande Guerra — deve ter notado que tudo nele é ardor — sagrado ardor — para atingir o ponto onde está estabelecida a meta dos seus desejos, que são, afinal, os de todos aqueles que não desconhecem a palavra — gratidão!

Mas, infelizmente, a pesar de todo o seu estóicismo, de todo o seu poder combativo, ainda o não conseguiu e — perdêmos-nos o doloroso vaticínio — parece-nos mesmo que já mais o conseguirá!

Oxalá — permita Deus — nos enganemos! Mas, não sabemos bem porque, dá-nos vontade de, sinceramente, assim dizer a *Manuel de Guimarães*: — Não se rale mais! A sua causa — a sua nobre causa — está morta. Aos vimaraneses não lhes interessa o monumento porque os seus irmãos mortos na Grande Guerra não eram de cá... não eram de Guimarães! Tudo o que materialmente se fez para tal fim, não prosseguirá e, desaparecerá até. Ao alto, a pelear os pobres heróis, vítimas do Dever, ficará apenas o monumento moral que a *Imprensa Vimaranesa* erigiu e do qual v. ex.ª foi architecto ilustre.

De antemão sabemos — e isso alegrá-nos — que *Manuel de Guimarães* — a pesar das desilusões que tem sofrido e do seu lúcido espírito naturalmente lhe ter dito aquilo que nós dizemos — não desarma nem renuncia à luta, enquanto em seu peito pulsar o coração — aquele coração que se confrange e se desola por ver que a sua terra, ingratamente, não pagou ainda a mais justa das dívidas contraída para com aqueles que, lá longe, galhardamente morreram, engrandecendo-a, dignificando-a, pensando nela e amando-a!

A parte final do seu último artigo, publicado no *Noticias*, é mais um gríto da sua nobre alma no meio dêste arraial de comodismo e indiferença!

Novembro de 1935.

J. GUALBERTO DE FREITAS.

frente do portão das Escolas que ali funcionam. Dias decorridos, por informação particular, chegou a nosso conhecimento que o mesmo facto se repetiu, sem que nenhum agente da autoridade tivesse posto còbro aêque espectáculo tão pouco recomendado para as crianças da escola.

Pintor Abel Cardoso

Ainda há oito dias nestas colunas prestamos homenagem ao nosso ilustre conterrâneo e Artista, sr. Abel de Vasconcelos Cardoso e já hoje vimos dar uma nova e agradável notícia a todos aqueles — e muitos são — que, como nós, admiram o talento Artístico do distinto Pintor.

A Embaixada de Espanha convidou-o para fazer parte do Júri de classificação dos cartazes artísticos e anunciadores da primeira exposição do Livro Espanhol, para os quais foi aberto concurso entre Artistas Portugueses e Espanhóis. É na realidade uma honra para aquele Artista e para todos nós, seus conterrâneos, tanto mais merecida quanto é certo o referido júri ser composto por eminentes personalidades.

Felicitações, sinceramente aquele nosso ilustre Amigo pela justa honra que acaba de receber.

Jerónimo Almeida

Segundo nos informam particularmente, dentro em breve entrará no prelo um novo livro de versos do nosso prezado colaborador e distinto poeta, sr. Jerónimo Almeida, com o título «Rompendo as nuvens».

A propósito lembra-nos dizer que este nosso querido conterrâneo foi convidado pelo sr. dr. Alberto Feio, director da Biblioteca Pública de Braga, para enviar à Emissora Nacional uma poesia da sua lavra — «Romaria Minhoto» — que, num sarau dedicado ao Minho, será transmitida em fins do corrente mês em data que oportunamente será anunciada.

Felicitações este vimezanense ilustre, pela consideração que lhe é tributada e bem assim pela sua nova publicação.

Cozinha Económica

De passagem pela rua de S. Dâmaso fomos há dias à Casa dos Pobres onde já se encontra a funcionar a Cozinha Económica.

Era a hora do almoço e notava-se, por isso, grande movimento.

Percorremos de fugida o grande edifício, desde a barbearia aos dormitórios e retiramos com a melhor das impressões,

A obra é já gigantesca, apesar de incompleta, pois há algumas instalações por concluir mas que devem funcionar dentro em muito breve.

Reservamos para daqui a algum tempo as nossas impressões, que não cabem em meia dúzia de linhas e, como vimezanenses, sentindo-nos orgulhosos com o importante melhoramento, queremos aqui lembrar a todos os filhos desta terra o interesse que lhes deve merecer aquela casa por onde passam diariamente centenas de pobres e de operários, e para que procurem conhecer a organização de tão modelar estabelecimento, que é, no género, o primeiro no Paiz.

Oportunamente o «Notícias de Guimarães», vai descrever aos seus numerosos leitores o que é a Casa dos Pobres e a Cozinha Económica. Por hoje regosija-se com um melhoramento de tão elevado alcance social e felicita as pessoas que o criaram e dirigem.

A construção do Teatro

Por informações fidedignas sabemos que o nosso querido amigo sr. João Teixeira de Aguiar, que à causa do Teatro tem dado o seu melhor esforço, está na disposição de fazer com que tão importante quão indispensável melhoramento seja um facto nesta terra e dentro em breve.

De esperar é que ninguém

crie à volta de tão simpática e bairrista iniciativa nenhuma dificuldade e outrossim procurem, como é dever de todos, acarinhá-la e a ideia que deve merecer o aplauso unânime duma cidade inteira.

Formulado o nosso desejo resta-nos felicitar o sr. João Teixeira de Aguiar a quem prometemos, desde já, a nossa coadjuvação.

O que eu queria... e se podia fazer

O que quero eu? Aquilo que todas as pessoas bairristas e de bom pensar, querem. Aquilo que todos os que sentem alguma coisa pela sua terra, pelo seu lindo torrão natal, que têm por ela muito amor e trazem sempre o seu nome aconchegado ao coração, querem. E assim vivendo, sonham as suas prosperidades, o seu valor, a sua glória, a sua vida marcando na vida da Nacionalidade, o seu real valor pesando na balança do valor do país.

E' então, que acordado eu sonho como poderia Guimarães ser, se houvesse força de vontade, se todos trabalhassem para esse fim, se não fosse tanta a miséria moral que infelizmente hoje se observa.

Eu queria vêr rasgar avenidas e largos, e nas suas margens edifícios, lindas vivendas, ainda que simples de arquitectura.

Eu queria vêr higiene e mais limpeza nas suas ruas e largos, e seus pavimentos bem calcetados com paralelepípedos, ou asfaltados.

Eu queria vêr desenvolver esta terra que tem estado no seu letargo, no seu sono da morte quanto a melhoramentos cívicos, e por consequência a seu progresso, a sua vida.

Eu queria vêr os homens de dinheiro da minha terra ou os que nela vivem e onde o apanharam e, portanto, fizeram a sua fortuna sem necessidade de emigrarem para o Brasil, interessar-se mais por esta linda terra, a nossa vilhinha Guimarães, onde tudo nos fala dos tempos do nosso Rei Primeiro, da Terra Mãe da Nação, desde as pedras da calçada aos telheiros das moradas dos seus habitantes.

E esta terra que tivera orgulho de ser a primeira entre as primeiras, adormeceu nos seus louros, e eis que não só os naturais como alguns daqueles que o não são, se dão de dar uma opinião, uma orientação, uma base sólida de reconstrução e amor à terra que lhes deu o seu bem-estar, a sua felicidade, os seus bens próprios, fazem córo com os filhos desta terra, bem ingratos para ela, uma grande parte.

Eu queria vêr construir uma casa para espectáculos, onde se pudesse representar uma peça teatral, sem o receio de que desmoronasse o edifício, ou abatesse o tecto ou que fosse necessário abrir guarda-chuvas para resguardar os espectadores dos pingantes.

Eu queria vêr erigir o monumento aos Mortos da Grande Guerra, a esses heróis que tombaram para sempre pela sua Pátria, e bem longe dela, com o pensamento firme na sua terra, no seu lar, nos seus mais queridos entes.

E para isto que é necessário fazer-se? Força de vontade e tudo se fará. Os humildes, têm dado provas do muito amor à sua terra, pelo seu esforço e arrojo mesmo.

Quero frizar-vos o exemplo admirável dado por uma Classe e bem mal remunerada, a Classe dos Empregados do Comércio, que em Guimarães marcou a traça que jamais se apagarão, o seu esforço, o seu amor e vontade à terra onde exercem a sua actividade, tanto os filhos legítimos, como os adoptivos.

Tudo ali trabalhava com dedicação e desinteressadamente. A Marcha-Milaneza, que tanto nome deu às nossas grandiosas Festas Gualterianas.

A organização do Grupo Pro-Vimezanense, que saiu do seu seio e com elementos da sua Classe se fundou. As Festas da Cidade realizadas em 1926 e vários anos mais, foi com rapazes sócios da Associação dos Empregados do Comércio, que, com outros elementos adjuntos, fizeram o que puderam, sem desmerecer do seu nome e brilhantismo?

E porque hoje que atravessamos um estado de indiferentismo absoluto, que causa calafrios, e porque admito a insistência e o amor à causa que defende com brilhantismo e inteligência, o ex.º sr. Manuel de Guimarães, que é um dos poucos que não desanimou e segue o velho rito de água mole em pedra dura tanto dá até que fura, vou levantar o grito de alerta, dirigindo-me a vós, rapazes da minha terra, briosos Empregados do Comércio, para vêr se conseguiris alguma coisa mais.

Vamos; levantai com o novo entusiasmo, com o vosso amor, com o vosso esforço, com o vosso pouco dinheiro, o Monumento aos Mortos da Guerra.

Para isso basta que correspondam à chamada duzentos, ou mesmo cem. Formando uma cota mensal de 5 ou 10 escudos, podeis realizar mil escudos em cada mês, e dentro de 10 meses tereis vós dez mil escudos, verba suficiente para fazer surgir como por encanto, o monumento há tanto tempo em dívida. Outras verbas vêm juntar-se a essa, como seja a da ex.ª Commissão Administrativa da Câmara Municipal, a importância de trinta mil escudos, (bem pequena em virtude de termos contribuído para tal) etc., e

com mais um pouco de vontade e esforço se completará o resto.

E assim, tereis dado mais um exemplo e prova do vosso muito amor à terra que vos viu nascer, ou vos albergar com simpatia e carinho, como se vós fosseis seus filhos.

E assim, ficará perpetuado no bronze e nas pedras do monumento uma cota parte em que o seu esforço e mocidade de valiosa, venceram!

Mãos à obra, rapazes da minha terra, coisas práticas e realizáveis, pois que fantasias nada valem, e hoje quem predomina é o Rei Milhão, e sem ele nada se construi, nem monumento, nem teatro, nem habitação, etc.

Mas se eu tivesse milhões e quizesse, tudo se podia fazer.

A. M.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Tem estado entre nós o nosso prezado amigo sr. Júlio Cardoso, de Lamego.

— Regressou das suas propriedades de S. Tiago de Candoso, encontrando-se algo incomodado o ilustrado Padre Mestre da V. O. T. de S. Domingos, desta cidade, rev. José Ferreira Leite.

— Continúa melhor dos seus incómodos o nosso querido amigo e distinto advogado e escritor sr. dr. Eduardo de Almeida.

— Reassumiu as funções de chefe da Secção Administrativa da Câmara, o nosso prezado amigo sr. José Fernandes Ribeiro Gomes.

— Regressou de Lisboa, onde foi em serviço forense, o nosso prezado amigo sr. dr. Fernando Aires.

Importante caçada

Os nossos prezados amigos srs. Alberto Pimenta Machado, João Ribeiro de Faria, Manuel Inácio de Araújo Freitas, Francisco Martins Ferreira, Manuel de Sousa Abreu, João de Freitas Torres Brandão e o sr. José Maria de Freitas, de Montalegre, realizaram na última semana uma importante caçada, que durou alguns dias, nas redondezas de Montalegre.

Trouxeram: 73 perdizes, 7 coelhos, 1 corça e 2 lebres.

Aquele grupo de caçadores viu ainda dois lobos um dos quais, depois de ser alvejado, se refugiou em sítio impenetrável.

Escola Industrial

Juntamente com alguns amigos, entramos, há dias, no recinto da nossa Escola I. e C. e vimos que um lindo arranjo do terreno se está a fazer ali, sob a direcção do digno Director d'este estabelecimento de ensino, o nosso prezado amigo e abalizado escultor sr. António de Azevedo, a quem já se devem alguns progressos da referida escola, que sua ex.ª dirige com elevada competência.

Sempre dispostos a fazermos justiça a todos, não podemos deixar de a fazer também ao sr. António de Azevedo, que é digno dela, tanta é a boa vontade que tem em que a esta terra progrida, para cujo fim sempre o encontramos disposto a trabalhar, não obstante residir aqui desde há poucos anos. Oxalá que continue com a mesma vontade, não só no que diz respeito ao importante estabelecimento de ensino que dirige, mas ainda no que se refere ao bem geral da nossa terra, que tanto carece do auxílio de todos, a-fim-de que o seu progresso seja o que deve ser.

Instrução

Obrigatoriedade do Ensino

Suscitando-se dúvidas, a cada passo, por parte de alguns srs. Professores, quanto à interpretação e aplicação da doutrina dos artigos 2.º e 3.º do decreto 9.223, de 6-XI-923, aqui os transcrevemos, com a devida vénia, expondo em seguida o que sobre o mesmo assunto entendemos.

O artigo 2.º do referido decreto resa assim: — Os pais ou tutores das crianças em idade escolar que não promoverem a matrícula dessas dentro do prazo legal, nas escolas primárias da respectiva povoação, serão chamadas pelo professor ou director da escola ao cumprimento d'esse dever.

§ 1.º — Caso não dê resultado as instâncias dos professores, junto do pai ou tutor da criança, estes serão condenados ao pagamento de uma multa, variável conforme a situação social do pai ou tutor.

§ 2.º — Essa multa nunca poderá ser inferior a 500 nem superior a 5000.

§ 3.º — Se o pai ou tutor se recusar a pagar a multa imposta, o professor comunicará essa recusa ao Inspector do círculo respectivo (hoje Distrito Escolar), que, por seu turno, dela dará comunicação à autoridade fiscal mais próxima. Esta usará dos meios coercivos estabelecidos nas leis tributárias para obrigar ao pagamento da multa.

Art. 3.º — Quando o professor verificar que o aluno faltou mais que uma vez à escola sem motivo justificado, cumpre-lhe advertir imediatamente o pai ou tutor do mesmo aluno. Repetindo-se as faltas até dez, o pai ou tutor deverá contribuir para a Caixa Escolar com a multa de 1000 a 10000, conforme o número de faltas. A partir de 20 faltas a multa será aumentada duplicando a sua importância.

§ único — No caso da recusa do paga-

mento da multa é aplicável a doutrina do § 3.º do artigo anterior.

Quanto ao artigo 2.º e seus §§ acima transcritos, cremos não suscitar dúvidas a interpretação e aplicação da sua doutrina, uma vez lidos com atenção. É evidente que, se as multas não forem pagas voluntariamente na respectiva escola e dentro do prazo legal, sendo, por isso, preciso mandar a respectiva nota à Inspekção Escolar para esta a enviar, por sua vez, à autoridade fiscal para efeito de execução, serão acrescidas do respectivo relaxe, que nem tão barato fica.

Quanto ao artigo 3.º, também acima transcrito, entendemos que, no que se refere a justificação de faltas dos alunos, se deve exigir o mesmo que para a justificação de faltas dos professores, isto é, atestado médico, e só este. Caso contrário, os pais ou tutores dos alunos teriam sempre motivos... para justificar as faltas dos seus filhos ou tutelados, e, assim, nunca os mandariam à escola, vendendo-se esta, na maior parte das aldeias, despozada e, por isso, sem razão nem motivo para funcionar, imperando ainda e assim o analfabetismo e estupidéz, nas aldeias pobres e ignorantes, como são as de Portugal na sua maioria.

Quanto às faltas dadas e aplicação da respectiva multa, entendemos que, se o aluno deu, por exemplo, 5 faltas, terá o pai (ou tutor) de pagar 5000 na respectiva escola e para a respectiva Caixa Escolar, no prazo legal, como acima se diz, e sob pena de ser enviada a respectiva multa para relaxe, por intermédio das autoridades competentes. Se o aluno deu 8 faltas, ser-lhe-á aplicada a multa de 8000; se o aluno deu 10 faltas, ser-lhe-á aplicada a multa de 10000; se o aluno deu, por exemplo, 19 faltas, ser-lhe-á aplicada a multa de 19000; se o aluno deu 20 faltas, ser-lhe-á aplicada multa de 40000; se, porém, deu 22 faltas, ser-lhe-á aplicada a multa de 44000 e assim por diante, a partir de 20 faltas.

Entendemos ser assim que se deve interpretar os artigos acima, pois julgamos que a sua interpretação, desta maneira, não merece dúvidas. Urge, porém, que todos os Ex.ºs Professores ponham em prática a doutrina neles contida, e segundo uma circular há empos (cremos que em Maio p. p.) enviada a todos os Distritos Escolares, pelo Ex.º Sr. Director Geral do Ensino Primário, caso contrário, aqueles que o não fizerem, prejudicarão, embora indirectamente, os que a aplicam em prol da Instrução, em prol das crianças.

JÚPITER.

N. B. — O nosso último artigo sobre Instrução, num dos últimos períodos, vem truncado; assim, onde se lê: «O decreto 13.791, autoriza a frequência de alunos, até aos 14 anos inclusivé, à frequência da Escola, desde que não tivessem feito exame de 4.ª classe.» deve ler-se: «O decreto 13.791, de 17-6-927, autoriza a frequência à Escola, de alunos até aos 14 anos. Ora, não só devia autorizar, mas obrigar todos os alunos até ao 14 anos inclusive, à frequência da Escola, desde que não tivessem feito exame de 4.ª classe.»

O dito artigo foi-nos publicado com atraso, pois, o primeiro, tinha-o sido no número de 6 do p. p. Outubro.

Briteiros, 6-11-935.

J.

Com vista às padarias

Do Governo Civil de Braga baixou à Administração d'este Concelho um officio dando instruções e solicitando uma rigorosa fiscalização no cumprimento do disposto nos artigos 41, 42 e 43 do Dec. n.º 25732, que regula o preço, peso e qualidade de pão de farinha triga, depósito de venda e venda ao domicílio.

Indispensável se torna igualmente que acabe o abuso de se transformarem as tabernas em depósitos de venda ao público. O vendedor de conta própria, munido de cartão profissional, não pode ser simultaneamente distribuidor, e as tabernas podem ter pôr para consumo mas nunca transformarem-se em depósitos de venda ao público; enfim, os padeiros devem ser notificados a apresentar uma nota, em duplicado, indicando as horas em que nas padarias fabricam a massa e da distribuição do seu pessoal discriminado por categorias.

E' de toda a justiça que se cumpram estas determinações e que uma rigorosa fiscalização se não faça demorar, do que estamos certos, olhando à correcção, altivez, galhardia, brilho e bom senso com que sempre trata os assuntos de interesse público o sr. Administrador do Concelho.

Igualmente é de esperar da boa vontade e prestígio do sr. Comandante da G. N. R. que as disposições em referência sejam cumpridas.

Associação Comercial e I. de Guimarães

NOTA OFICIOSA

A Direcção da A. C. e I. de Guimarães em sua reunião extraordinária de hoje, tomou conhecimento duma local inserta no n.º 197 do «Notícias de Guimarães», de 11 do corrente, com que alguém a pretendeu atingir, fazendo o confronto do que a nossa congénere do Braga vai fazer em favor do seu comércio, e o que se tem feito em Guimarães.

Esta Direcção lamenta que o autor da referida local não leia os jornais da terra, e se entretinha a escrever tam levemente, pois não tem razão de ser o seu escrito, porquanto esta Direcção em sua reunião extraordinária de 27 de Agosto, cujo extracto foi publicado no n.º 187 do «Notícias de Guimarães», de 1 de Setem-

bro, entre várias resoluções que tomou consta a de que:

— Sendo do conhecimento da Direcção que a maior parte dos revendedores ambulantes nos mercados e feiras do concelho não tem pago a contribuição a que estão sujeitos pelo exercício do seu comércio, e, como d'este facto resulta uma concorrência desleal para o comércio fixo, cujos prejuízos muito ven sentindo, ficou incumbido o sr. Presidente de, pessoalmente, tratar d'este assunto junto dos srs. Secretário de Finanças e Vereador do Pelouro dos Impostos.

— Mais esclarece esta Direcção que, mercê das demarches effectuadas pelo seu Presidente, e da coadjuvação que nos tem prestado os ex.ºs srs. Secretário de Finanças e Vereador do Pelouro dos Impostos Municipais, o comércio ambulante que vem sendo exercido neste concelho, salvo alguns casos de mínima importância, é feito ao abrigo da Lei.

Guimarães, Associação Commercial e Industrial, 14 de Novembro-1935.

O presidente:

Silvino Alves de Sousa.

Pela Câmara

Em sua sessão de 14 do corrente, entre outras propostas que foram aprovadas, o vereador sr. A. L. de Carvalho apresentou a seguinte, assim concebida:

«Passando no próximo ano de 1936 o 4.º Centenário da morte de Gil Vicente, proponho que em homenagem ao glorioso filho de Guimarães a Câmara tome a iniciativa de convocar os vimezanenses no sentido de conjugar os melhores valores locais para com o patrocínio e colaboração municipal se levar por diante a construção duma casa de espectáculos nesta cidade, certamente o melhor número comemorativo da próxima passagem do 4.º centenário da morte da grande figura literária do século XVI.»

Da Cidade

Serviço de Limpeza — A partir de hoje a caminheta da recolha do lixo fará o seu percurso às 9 horas. Vai ser interrompida a fiscalização da limpeza das ruas, a-fim-de serem applicadas as multas aos transgressores.

Novo Pároco — Foi colocado na freguesia de Santa Eulália, arqui-diocese de Evora, o novel sacerdote e nosso prezado amigo e conterrâneo, rev. António Pereira.

De luto — Pelo falecimento de um tio de sua esposa encontra-se de luto o nosso prezado amigo sr. Manuel Alves Machado, habil fotógrafo local, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Incêndio — Na freguesia de Sande (S. Clemente) no lugar do Arquinho, declarou-se na quinta-feira um incêndio num prédio pertencente à sr.ª D. Ermelinda Leite Borges, o qual destruiu o primeiro andar habitado pelo sr. Manuel Lopes e o rés-do-chão também habitado pelo sr. José Francisco Fernandes e ainda pelo sr. José Antunes. Os prejuízos estão calculados em 10 contos.

Compareceram os B. V. das Taipas.

Sufragios — Com a assistência da Mesa Administrativa e de muitos irmãos e fiéis, celebraram-se na Basilica de S. Pedro, solenes officios e missa, por alma dos irmãos falecidos. Ao principiarem e ao acabarem os sufragios os sinos da Basilica dobraram a finados.

Inquérito — Pelo Ministério da Justiça foi prorogado por mais 20 dias o prazo para o sr. dr. Jerónimo Martins da Rocha, nosso prezado amigo e distinto magistrado, concluir o inquérito aos actos das comissões concelhias dos Bens Culturais de Vila Verde e Terras de Bouro, sendo pagas todas as despesas que effectuar com as necessárias diligências.

Comemoração do Armistício — A data do Armistício foi comemorada, nesta cidade, por iniciativa da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Junto à lápide que, no antigo quartel de I. 20 tem esculpidos os nomes dos nossos Mortos da Grande Guerra, reuniram-se muitas dezenas de antigos combatentes e muitos populares, que prestaram uma significativa homenagem aos Heróis da Pátria.

Escutismo — No penúltimo domingo realizou-se na sede do Nucleo local do C. N. E. uma sessão solene em honra do Beato Nuno de Santa Maria, a que assistiram o sr. Arcebispo, presidente da Câmara e outras entidades. Usaram da palavra vários oradores.

Dr. Joaquim José de Oliveira — A morte do antigo Ministro e Deputado sr. dr. Joaquim José de Oliveira foi aqui muito sentida, tendo ido assistir ao seu funeral alguns amigos e admiradores do saudoso morto.

Novo regedor — Foi nomeado por alvará do Chefe do Distrito, regedor da freguesia de S. Martinho de Sande, d'este concelho, o nosso prezado amigo sr. José de Souza Neves, negociante daquela freguesia. As nossas felicitações.

Comandante António G. S. Ventura — Por ter acabado o tempo de comissão vai deixar o cargo de capitão do porto de Caminha, o

nosso ilustre conterrâneo sr. capitão de Fragata António Garcia de Sousa Ventura.

Inauguração de um placard — Com a assistência dos srs. presidente da Câmara, Administrador do Concelho, representantes da imprensa, realizou-se na quinta-feira, junto à Leitaria Moderna, a inauguração do placard de «O Correo do Minho». Falaram, naquela cerimónia, os srs. presidente da Câmara e Manuel de Araújo, chefe da Redacção daquele diário bracarense, órgão da U. N.

O caso de Moreira de Cónegos — A imprensa diária referiu-se ultimamente e com certo desenvolvimento, ao caso de Moreira de Cónegos, a que já nos referimos também mas ligeiramente. Não chegamos ainda a uma conclusão, tanta a diversidade de informações e aguardamos, por isso, a conclusão das investigações ou melhor oportunidade, para voltarmos ao assunto.

Falta de espaço — Por absoluta falta de espaço ficam-nos ainda de fora muito original.

Novo médico — Na Faculdade de Medicina de Coimbra completou a sua formatura o sr. dr. Domingos Maria de Araújo Abreu, filho do digno Conservador do Registo Civil desta Comarca e nosso bom amigo, sr. dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu. Apresentamos-lhes as nossas felicitações.

Nomeação — Foi nomeada professora do quadro auxiliar duma escola de Viana do Castelo, a nossa gentil conterrânea sr.ª D. Paula de Azevedo Pereira Machado, filha do saudoso capitão Julio Pereira Machado. Apresentamos-lhe as nossas felicitações.

Anjinho — Contando 21 meses de idade finou-se a menina Maria Emilia, filha do nosso prezado amigo e conceituado negociante local, sr. Manuel Gomes de Oliveira e neto do sr. Joaquim Gomes de Oliveira. Apresentamos-lhes os nossos cumprimentos.

FALECIMENTOS

D. Albertina Dias de Almeida

Aos estragos duma pertinaz doença que há meses lhe vinha minando a existência, faleceu na terça-feira a sr.ª D. Albertina Dias de Almeida, manipuladora auxiliar dos Correios e Telégrafos desta cidade, que há poucas semanas havia regressado do Sanatório do Caramulo, onde esteve em tratamento.

A extinta que contava apenas 26 anos de idade fez parte do grupo cénico da Associação de Classe dos Empregados do Comércio, tendo pisado por vezes o palco do nosso velho teatro, onde se exibiu com êxito em várias peças levadas à cena por aquele grupo. Tomou parte, igualmente, na representação do «Auto das Flores», onde representou um papel interessante e difícil. O seu funeral realizou-se na quinta-feira à tarde na igreja da V. O. T. do Carmo e constituiu uma manifestação de saude, a que se associaram o sr. Julião Carneiro da Silva, Chefe dos Correios e Telégrafos, pessoal da mesma repartição, Associação de Classe dos Empregados do Comércio, muitas amigas da extinta, etc.

O cadáver foi trasladado, à mão e com numeroso acompanhamento, para o Cemitério Municipal.

José de Oliveira Matos

Após prolongado sofrimento faleceu na quinta-feira de manhã, na sua residência à rua de Alcoaça, o antigo e conceituado industrial sr. José de Oliveira Matos, pai do nosso prezado amigo sr. João de Oliveira Matos, negociante em Lisboa e sogro do também nosso prezado amigo sr. Custodio Vila Nova Guimarães, empregado superior da Fábrica do Ferro, de Fate. O extinto contava 76 anos de idade, tendo sido toda a sua vida um espirito alegre, trabalhador e honesto, qualidades que lhe grangearam muitas amizades.

O seu funeral realizou-se na sexta-feira de manhã no templo da V. O. T. de S. Francisco, com a assistência de muitas pessoas das relações do extinto e da familia enlutada.

Findos os responsos foi o cadáver removido em auto funerário, seguido de automóveis que conduziam pessoas amigas, para o Cemitério da Atouguia.

Inocente

Joaquim Vitor Duarte Xavier

A morte na sua faina destruidora roubou aos carinhos de seus extremos pais o inocente Joaquim Vitor Duarte Xavier, filho do conceituado negociante local sr. António da Silva Xavier e de sua esposa, e sobrinho dos nossos prezados amigos srs. Joaquim da Silva Xaxier e Albino Duarte Guimarães.

A interessante criança, que contava 7 anos de idade, debatia-se, há alguns dias com uma grave enfermidade, tendo sido baldados todos os esforços empregados pela ciência.

O seu funeral, realizou-se na sexta-feira às 11 horas, no templo da Misericórdia. O pequeno atáude desaparecia entre um montão de lindas flores naturais, com sentidas dedicatórias.

Findos os responsos e com grande acompanhamento, foi o cadáver trasladado para o Cemitério Municipal, onde ficou inhumado em jazigo de familia.

A's familias enlutadas apresenta o «Notícias de Guimarães» a expressão do seu pesar.

Ouvindo o treinador do "Vitória",

— o velho internacional, sr. Alberto Augusto.

O valor do foot-ball nortenho — impressões sobre o Campeonato Distrital — A árdua missão dum treinador — Foot-ball nacional e foot-ball estrangeiro — As Ligas — O valor do meio vimezanense no Desporto.

Notas biográficas

Pela primeira vez que nos é dado arquivar nas colunas do nosso jornal as autorizadas palavras do velho internacional e treinador do «Vitória», sr. Alberto Augusto, justo é que consignemos aqui a nossa admiração por aquele que tem dedicado toda a vida à causa do desporto, marcando com rara energia a sua voluntariedade de desportista leal e a sua competência no ramo classificado — *Foot-ball*.

E' que, na verdade, o sr. Alberto Augusto é o jogador que mais tempo tem praticado o desporto da bola, demonstrando possuir não só uma



modicidade perene, uma destreza pouco vulgar, mas também um corpo só numa alma sã — divisa de todo o bom desportista e divisa das gerações modernas que antevêm um futuro melhor. Vive para o desporto e vive do Desporto — o que justifica plenamente a sua posição de profissional e o seu intrínseco valor como treinador de grupos de *foot-ball* —, surgindo como singular figura de visionário que não descrede dos efeitos renovadores e salutaros do Desporto.

Iniciado no *Foot-ball* Benfica, aos 12 anos, valorosa e dedicadamente se apresentou a jogar pelo «Amadora», aos 14 anos e como filiado, para logo o ocupar um lugar de destaque no Sport Lisboa e Benfica. Durante 9 épocas jogou por este club, fazendo não só as delicias dos seus conterrâneos e admiradores, mas também o orgulho dos seus camaradas de «*equipe*». Basta dizer que foi o *player* português que se desempenhou cabalmente de todos os lugares onde a falta se fazia sentir ou a *equipe* fraquejava, sobresaindo sempre o nosso hóspede pelo virtuosismo e sua classe de grande jogador. Treinou os grupos de Evora, Beja, Santarém e Faro. Seis vezes foi internacional e sem exame preparatório para o cargo que os seleccionadores lhe destinavam. Jogou no Brazil pelo «Santos» e pelo «América», mais conhecido como Campeão do Centenário, e viu, em *tournee* com este grupo, o real valor dos *teams* uruguaios e argentinos.

Em 1924-25 e 26 fez as épocas pelo «Sporting de Braga». No espaço de três épocas treina o «Salgueiros» e o «Rio-Tinto». Em 1933-34 é chamado de novo a Braga para treinar o «Sporting» daquela cidade. Em 1934, treina o «Comercial» de Braga. Terminado o Campeonato da época finda, assenta arraiais nesta cidade como treinador do «Vitória», onde recebeu as maiores provas de amizade e confiança.

E' o grande ídolo dos desportistas vimezanenses, aquele que pela sua afabilidade e trato soube conquistar-lhes o coração e merecer-lhes uma indiscutível popularidade.

Meia hora de conversa

Porque desejávamos conhecer as impressões do treinador do «Vitória» sobre a marcha do Desporto Nortenho, trouxemo-lo à nossa redacção para, de viva voz, tomar as nótulas necessárias que há muito se tornavam imperioso desejo do nosso jornal e mandato dos desportistas vimezanenses, ávidos de conhecer as impressões do competente orientador do *foot-ball* vimezanense.

Num ambiente de amenidade e conforto, sem ambições de fazer uma grande reportagem ou de alcançar maior popularidade para o nosso entrevistado, fomos disparando as perguntas, dando livre curso ao *à-vontade* do sr. Alberto Augusto e ao seu bom gosto de cavaquear.

— Qual a opinião sobre a 1.ª volta do Campeonato Distrital?
— Boa. Direi mesmo a melhor possível, com excepção feita ao primeiro jogo da 2.ª volta, onde se usou de todas as armas para o arranjo daquela pesada derrota que tocou o *team* vimezanense.

A-pesar-disso a «*equipe*» que venho treinando, a meus olhos não diminuiu de valor. O *equipe* resultado não traduz o esforço despendido e a real existência dos elementos que a compõem. Houve um factor, e esse basta para justificar, sem lágrimas de crocodilo, a derrota que nos arrastou à condição de vencidos: — o ambiente de hostilidade em que jogámos e o abatimento moral gerado pela injustiça dos dois primeiros pontos marcados pelo «Sporting».

Mas não seja eu quem fale. Por aquilo que V. presenciou, pelos relatos do «Correio do Minho», «Jornal de Sports» e através da crónica de Balbino, o público identificou-se-á com a razão e não há-de negar-me aquela confiança que sempre lhe mereci, certo como está de que o seu grupo caiu só pelos degradantes processos usados e consentidos, e de tal modo irritantes, que não lhe mentirei ao dizer: — enquanto estive em Braga nunca se viu tal... desafêro.

— Sobre o grupo bracarense, que opinião forma?
— O grupo do «Sporting» tem um homem: Figueiredo. Ele é quem arranca com aquilo tudo, dadas as suas grandes qualidades de «*driblador*» e a facilidade que tem de fugir ao adversário, usando este controle de bola. De resto, por si só, o grupo é nulo. E V. viu quando do jogo realizado em Guimarães. ¿Onde pode comparar-se o resultado de 3 a 0 em que nos firmámos de começo, com o 1 a 1.ª parte, e os 5 a 0 do 2.º tempo? Além disso, o *team* estava feio. *Szabo* treina, treina, mas as suas categorias inferiores não surgem ou se revelam. O próprio «Foot-ball Club do Pôrto» é um *team* onde os valores da bola ingressaram.

Mas, continuando: — Só a desorientação que tenalhou as cabeças de Zeferino, Clemente e Lima deve ter contribuído para o desaire sofrido, ponderado o valor individual e incontestável a que têm direito. Neles fálhou, neste encontro, o hábito de jogarem em campos estranhos, notoriamente assinalados pelo palavreado do microfone maldito que a todos incomodou. Até eu conheci o homem das piadas e... seu «botador das almas»!...

Não os desculpo na sua queda. E já que falo em jogadores, seja-me lícito louvar o Laureta pela exibição que fez. Mostrou-se valente e não estranhou o ambiente. Foi dos melhores homens no terreno, depois de Ricardo.
— Diga-me: ¿ como aceitou o «chuveiro» de penalidades marcadas ao «Vitória», posta em contraste a isenção concedida ao «Sporting»?
— Com a maior das calmas. O árbitro fez o que lhe apeteceu. Todas as vezes que falei não fui ouvido. Devo até confessar que fui ameaçado pelo árbitro a uma carga que recebi de Argentino.

— E sobre as outras decisões?
— Uma série de atentados. Quando presenciei uma carga verdadeiramente desleal entre Tamaquero e Zeferino e aceitava como boa a expulsão dos dois para fora do rectângulo, vejo a culpa passada, e decorridos minutos, mas muitos minutos, fico surpreso com a expulsão de Zeferino, sem razão justificativa e empregado o máximo rigorismo dos... *figados-arbitrários*.

— Receia alguma surpresa no restante da volta do Campeonato?
— Nenhuma. Tenho absoluta confiança na «*equipe*» a que pertencço. O *team* vimezanense há-de saber desvenenhar-se de quaisquer obstáculos.

— E sobre a final do Campeonato?
— A mesma fé me abraça e domina. Em qualquer campo neutro, que não pertença ao Distrito, no Pôrto, em Coimbra e até em Lisboa, a vitória

DESPORTO. Notícias do País e do Estrangeiro.

nos sorrirá desde que nos apresentem um árbitro empenhado e imparcial. Perdemos em Braga, repito, porque resolveram empregar todas as armas possíveis e não calculadas para nos vencerem.

— E sobre as Ligas?
— Os dois *clubs* do nosso Distrito — o «Vitória» e o «Sporting» — devem dar que fazer aos outros competidores. Afóra o «Foot-ball Club do Pôrto», nenhum dos outros *teams* se me deparam superiores, razão bastante para crer na nossa boa posição no Campeonato das Ligas.

— Diga-me, agora, para mudar o rumo à conversa: desde que pratica o *foot-ball* acha-o alterado na sua execução?
— Não. O nosso *foot-ball* tem seguido aquela característica que é mais conveniente ao nosso temperamento de povo ocidental. Rápido, jogado mais em profundidade, tem evoluído segundo os ensinamentos colhidos com as visitas de grupos estrangeiros. Nem se pode intercalá-lo na «*calmaria*» inglesa, nem o apelidemos de «*bilharsco*» como o *foot-ball* húngaro. É demais compreende-se: para que o *foot-ball* exerça acção profícua terá de ser aligeirado e sem tempo para bonitos. V. o sabe. Não existe em Portugal o que seja de verdadeiro profissionalismo — pois isso viria a requerer campos de concentração, «*footing*», «*cross*», ginástica, e «*foot-ball*», como é vulgar na Inglaterra. O nosso jogador, à excepção dum Pinga ou Carlos Alves, faz um profissionalismo barato. Contenta-se com a garantia do alimento e, quando trabalha, fá-lo para suprir as inúmeras necessidades da vida, podendo até afirmar-se que estes contam em maior número. Não podemos, pois, a quem necessita de maior repouso para recuperar energias, obrigá-lo a levantar-se ao «toque da alvorada» para se dedicar exclusivamente a uma Causa que não lhe enche por completo a barriga e que se lhe reverte em prejuízo.

— De maneira que o sr. Alberto Augusto acha aceitável o «*foot-ball*» nacional?
— Absolutamente. E já que me apraz fazer dêle uma defesa acalorada, cumpre-me prestar a minha homenagem aos pioneiros da bola e aos actuais treinadores portugueses: Artur José Pereira, Carlos Canuto e Filipe dos Santos — a quem não se pode regatear aplausos pelo muito que têm feito neste ramo de Desporto e a quem se devem assinalados triunfos para as cores nacionais.

— E sobre a sua árdua missão de treinador? Sente-se satisfeito com o meio desportivo vimezanense?
— Oh, se não! Basta dizer-lhe que tenho à minha responsabilidade 60 homens, incluindo os rapazes do infantil. São nada mais nada menos de 4 *teams* em treino — o que já me obriga a um trabalho extenuante. No próximo domingo, tenciono fazer a 1.ª exibição do nosso infantil, o que deve representar um sucesso no meio desportivo. Com o Campeonato das Reservas ver-se-á também o valor deste agrupamento que tão bons triunfos tem trazido para as cores do Club. Só lhe garanto uma coisa. Sob a minha direcção ou de outro qualquer, dentro de 2 anos o «Vitória» possuirá gente apta a disputar todas as categorias, e terá reservas de sobejo para as falhas que se apresentem. Haja em vista o modo como se vem ocupando os lugares do 1.º *team*: Jaime Castro, o Bravo, o Costa e o Vitorino...

— Tenciona fazer novas alterações na linha?
— Algumas, mas utilizando a prata da casa. Talvez Faria e Virgílio...
— Para finalizar: ¿ então não está arrependido em ter caído neste meio?
— De maneira nenhuma. Só tenho de agradecer à Ex.ª Direcção do «Vitória» a confiança que me dispensou, concedendo-me «*carta branca*» para as coisas da bola e testemunhar o meu muito apreço pelo aprumo e disciplina de todos os jogadores. Assim, sim. Pode querer-se bem ao cargo de treinador.

Estava terminada a conversa. Um apêto de mão e, satisfeitos os desejos dos desportistas locais, demos fim ao grato cumprimento da nossa missão de jornalistas, apaixonados também pelas coisas da bola.

L. C.

Do Estrangeiro

Adis-Abeba, 17 — Continua o exódo dos europeus. O comboio para Djibuti partiu hoje com 20 passageiros, entre os quais o dr. Jaques, consultor jurídico do governo etíope, que vai a Genebra, encarregado pelo rei Negus, duma missão junto da S. D. N.

Continua a sentir-se falta de comestíveis, principalmente pão. Os camponeses do sul recusam-se a fazer sementeiras, alegando que não merece a pena, desde que o inimigo está à porta e virá destruir o seu trabalho.

Roma, 17 — Chegou às 8,30 a Mausanha o combóio real que conduz o rei Jorge da Grécia e o seu séquito.

Londres, 17 — Segundo os últimos resultados das eleições, o governo nacional obteve 428 lugares e a opposição 183. A maioria governamental é de 245 lugares. Os conservadores perderam 72 lugares e os trabalhistas ganharam 95.

Do País

Grave desastre — 2 mortos

Lisboa, 18 — Entre Setúbal e Alcácer do Sal chocaram-se violentamente um automóvel e uma caminheta. Dos 5 passageiros do automóvel, tiveram morte instantânea, o industrial de Setúbal Ricardo A. Novais e o empregado comercial Júlio Tavares Nunes. Ficaram gravemente feridos o industrial Malte e 2 filhos.

Em Fafe

Sporting de Braga, 4. Foot-ball C. de Fafe, 1.

O jogo Fafe-Sporting despertou entre nós muitíssimo interesse e levou ao Campo da Granja muitas centenas de pessoas, vendo-se aficionados de Braga e Guimarães, de tal maneira o jogo interessava à pontuação final do campeonato.

Fafe que apresentou alguns elementos das reservas, mostrou logo de início um bom entendimento, assediando com insistência as redes de Lima.

Aos 8 minutos Ildio falha a um remate vindo da ponta direita e perde assim a primeira oportunidade de marcar, pondo o Foot-ball Club de Fafe na situação de vencedor.

Volta o jogo a meio campo para continuar com a mesma característica, ou seja intenco o domínio do grupo verde-branco. Numa fuga o Sporting consegue o seu primeiro ponto, realizando pouco depois o F. C. F. o empate, devido a uma boa jogada de conjunto.

Assim terminou a primeira parte, revelando os rapazes de Fafe muita energia e boa compreensão de «*association*».

Este primeiro tempo o Sporting mete mão por duas vezes na grande área, mas o sr. árbitro não apita o que provoca protestos da assistência. No 2.º tempo o jogo decorreu com a mesma toada embora o Sporting conseguisse marcar mais 3 bolas, de fugas isoladas.

Neste 2.º tempo o grupo verde-branco impôs-se ao adversário e se não fôsse a má vontade do árbitro, deixando de assinalar deslocções e deixando de marcar castigos, outro seria o resultado.

Terminou assim o jogo, por 4 bolas a 1 a favor do Sporting que não mereceu a vitória e que a deveu ao árbitro.

A atitude deste sr. provocou fortes protestos da assistência sem que, contudo, essa mostrasse alguns desmandos.

No final do desafio discutiu-se acaloradamente a atitude do árbitro, intervindo para dispersar o povo a G. N. R. que acompanhou o Sporting e que apenas veio iritar a assistência fafense, que saberia, como soube, bem receber o grupo visitante.

O sr. árbitro chamava-se Cunha Coelho — nome que deve ficar registado como de pessoa capaz de fazer todos os fretes.

S. M.

Futebol no país

Campeonato de Lisboa
Benfica vence o Sporting por 2 a 1.
Carcavelinhos vence o União por 3 a 0.
Barreirense empata com o Belemenses por 3 a 3.

Campeonato do Pôrto
Pôrto vence o Boavista por 2 a 1.
Académico vence o Salgueiros por 2 a 0.
Leça vence o Leixões por 2 a 1

CALENÁRIO DOS JOGOS DO CAMPEONATO DISTRIITAL

17 DE NOVEMBRO

Em Guimarães — Vitória vence o Gil Vicente por 10 a 0
Em Fafe — Sporting de Braga vence o Foot-ball Club de Fafe por 4 a 1
Em Braga — Sporting de Fafe empata com o Comercial por 0 a 0

CLASSIFICAÇÃO

	Pontos
Vitória Sport Club	19
Sporting de Braga	19
Sporting de Fafe	16
Gil Vicente, de Barcelos	13
Foot-ball Club de Fafe (!)	8
Comercial de Braga	8

(!) Por ter infringido o artigo 15.º do R. G. foi-lhe anulado um ponto.

A' margem

Em volta da A. F. de Braga rondam na urdidura de emaralhada teia e intrigas e boatos, uns certos e conhecidos indesejáveis.

Estes curiosos exemplares, autores do ambiente que tem enovado e desprestigiado o *foot-ball* distrital, longe de compreenderem por cavallheza de espírito, a disputa leal e cavalheiresca dum campeonato desportivo, procuram o meio soez, da infiltração, do insinuamento, da deformação da verdade para vencerem e implantarem os seus fins. O passado serve de credencial para acreditar estas ambíguas e nefastas criaturas, aos olhos de todos os interessados nestas coisas da bola. Nomes. — Não vale a pena... São demasiadamente conhecidos...

A' frente da A. F. B., está um verdadeiro desportista, cujo íntegro carácter e competência é a garantia duma gerência superior e clara. Podem em volta os rafeiros rosnar à procura de pretextos para neles aguçarem a dentadura de despeito. Mas podem estar socegados. A confiança de todos os Clubes do distrito, é o apoio seguro que esta gerência possui.

Os meios destes «*meneurs*», da trapça são bem conhecidos. Um olhar para o passado é cadastro que estigmatiza para sempre.

Campeonato Distrital

Este encontro da 2.ª volta do campeonato distrital, realizado ontem em Benlhevai, depois do jogo Sporting-Vitória — de fraca lembrança — de-

correu de começo num ambiente frio, gelado, que a recordação dos 5-0, fazia pesar sobre a regular assistência que presenciou este desafio.

O primeiro e segundo goals foram recebidos com indiferença, que só o bom jogo dos locais conseguiu pouco a pouco acalantar e desfazer a glacial e correcta atitude do público.

Decorreu ainda este encontro, num meio altamente exemplar, sem uma nota discordante, sem uma atitude que fizesse lembrar ressentimento, sem uma acção que fosse atentado contra a correcção e a moral.

Louvamos com orgulho todas as pessoas que assistiram a esta tarde de futebol porque o seu porte foi a mais digna e elevada resposta a calúnias, a agravos e a provocações, que aos vimezanenses têm sido assacadas e imputadas. Não é com ameaças que se responde a ameaças, nem com acções soezes que se responde a actos infames. A melhor condenação é a altivez, o bom porte, e a soberana indiferença do desprêso.

Bem hajam os vimezanenses.

O jogo

Os grupos entram em campo e alinham da seguinte ordem:
Gil Vicente: — Luís; Dulénio e Marcelino; Tito, Faria Lopes e Cruz; Brava, Virgílio, Clemente, João Jesus e Vieira II.

Vitória: — Adélio, Jaime e A. Augusto; Laureta, Zeferino e Lima; Brava, Virgílio, Clemente, João Jesus e Brava.

Arbitra Augusto Martins, do A. F. de Braga.

O Vitória tem a bola de saída e joga contra o sol. As primeiras avançadas são indecisas, alternando-se frequentemente. Vitória desce e a defesa

adversária faz o 1.º corner que marcado nada resulta. O segundo, não se faz esperar, e também nada produz. Um «*free*» marcado contra o Gil, permite uma avançada dos alvi-negros, rematada à figura do guarda-redes por J. Jesus. 3.º corner contra o Gil, mal rematado por Faria. Começa-se a notar melhor jogo por parte do Vitória. 4.º corner contra os barcelenses que nada resulta. Bravo tem uma fugida que remata forte e Luís não segura. Clemente e J. Jesus atarrasados, perdem uma excelente oportunidade. J. Jesus de posse da bola serve bem Clemente que aponta mal às rédes. 5.º corner contra os gilistas que também nada resulta. O jogo decorre muito leal. Vitória aperta e a bola cruza perto das redes dos visitantes. Faria de posse dela, toca-a para Jesus, que devagar, à boca das redes, marca o 1.º goal do Vitória.

O goal é recebido pelo público friamente. Bola ao centro. A bola não passa além dos médios vimezanenses que servem os seus avançados. A bola mantém-se no campo do Gil e Clemente aproveitando um centro enfia de cabeça o 2.º goal. O público ainda não aqueceu. Zeferino tem jogado bem. O Gil tem uma descida perigosa que o extremo esquerdo desperdiça por cair sobre a bola. Este mesmo jogador compromete as avançadas da sua *equipe*, com a sua sistemática colocação em «*off-side*».

Gil sacode por momentos o apêto do adversário. Bravo tenta em «*dribling*», furar a compacta defesa dos barcelenses; mas em vão. Gil perde por mau remate a segunda boa ocasião de marcar. 6.º corner contra os visitantes. Laureta merece reparos pelo continuo abandono do seu lugar. Clemente tem uma fugida enérgica, serve Faria, inteligentemente desmarcado que corre ao goal marcando a 3.ª bola sem defesa possível. Vitória joga bem. As avançadas são bem delineadas e melhor conduzidas. J. Jesus tem um bom chute que vai fora. Clemente faz subir a marcação com o 4.º goal metido de cabeça. O público aplaude com mais calor. Termina a primeira parte. Vitória mais uma vez demonstrou a sua boa classe, embora isso custe, a uma rédua de críticos que vegetam em alguns jornais...

Esta parte decorreu num ambiente simpático e educado, sem um grito destoante, sem uma nota que ferisse ou molestasse alguém. Os jogadores tem-se portado com elevada lealdade o que tem facilitado a arbitragem.

2.ª parte

Gil apresenta modificação na sua *equipe*. No Vitória, os seus homens ocupam os mesmos lugares. Os alvi-negros começam desde logo a apertar e os gilistas concedem o 7.º corner. Luiz sai a defender, falha, e Clemente, que segue a jogada com atenção, apodera-se da bola e marca o 5.º goal. Em seguida João Jesus, numa avançada, remata forte à trave. Momentos depois Clemente marca a 6.ª bola com um pontapé fortíssimo, que Luiz não pode segurar. Nesta bola é de notar a boa e longa passagem de Jaime que dia a dia vem crescendo em técnica e segurança. O jogo desenvolve-se no campo do adversário e Vitória joga bem. Clemente em posse da bola foge ao lado sobre a linha do touch, Faria desmarca-se bem, recebe a passagem e chuta o 7.º goal. Bola ao centro e nova avançada dos vimezanenses, que Bravo de posse do esférico, interna-se e marca a 8.ª bola. Boa jogada de Brava. Vitória continua a dominar, e surge assim o melhor goal da tarde metido por Virgílio, «o homem dos grandes goals». Vitória tem uma avançada em forma, rápida, sem qualquer intervenção do adversário. A bola passa de jogador a jogador, velocidade, e J. Jesus, atarrasado, como é devido aos interiores, serve Virgílio que aponta rápido ao canto oposto o 9.º goal. Esta jogada foi superior, quer pela rapidez, quer pela intuição e fácil remate. O 10.º não se faz demorar, marcado por Clemente. O povo entusiasmava-se, e os seus aplausos tem calor e vivacidade. Gil, jogando vencido, sem convicção, perante o pesado «*score*», absolutamente insofismável, produto integral do jogo e duma técnica, que não dá margem a dúvidas ou a ignorância. O domínio continua pesando sobre o terreno dos visitantes, que se defendem de qual-quer forma e sistema. Há ainda um «*penalty*», que A. Augusto chuta mal, e seria o décimo primeiro goal, se fôsse marcado com mais cuidado; quando certos críticos (sic) põem em dúvida a classe do Vitória e medem um valor sómente pelo elevado número de bolas conseguidas. Estes curiosos tipos fazem muitas vezes escória, com as suas palermices e... asneiras.

O árbitro apita para o final do encontro, e o seu trabalho foi bom, favorecido, como já dissemos, pela correcção e educação dos grupos.

Os jogadores

Do Vitória: João Jesus, jogou menos que o costume e menos também que os companheiros; Laureta abandonou muitas vezes o seu lugar; os restantes bons. Virgílio fez uma boa reaparição. Faria, discreto.

Do Gil: o guarda-redes segura facilmente a bola, e os restantes fracos. O back esquerdo chamou-nos a atenção.

ALMEIDA FERREIRA.

Do Concelho

Briteiros, 13.

Por lapso, na nossa correspondência de 1 do corrente, dissemos que o movimento de excursionistas, na Cidade de Briteiros, em Outubro p. p., fóra de 450 excursionistas, em vez de 700, conforme os dados, e conforme pretendíamos dizer.

Também por lapso, quando na nossa correspondência de 1 do corrente, nos referimos à acção beneficente que a actual professora da Escola Official Mixta de Briteiros (S. Salvador) vem desenvolvendo em prol da Instrução e das crianças, não dissemos que, muitas vezes, tem coberto, com roupas suas, a pele semi nua de algumas crianças da sua escola, depois de, por suas mãos, ou por mãos das próprias contempladas e sob a sua direcção, as ter adequado aos respectivos corpos a que se destinam.

Assim que ela, quasi sem que ninguém nisso se aperceba, procede. E, ainda, no intuito de preparar as crianças da sua escola para maiores empreendimentos e aptidões, todos os dias lectivos, no final das aulas, ensina lhes e com elas entoa, de pé, vários hinos e cânticos, como: "Hino das Escolas", "Hino bi-color", "Maria da Fonte", e, finalmente, "A Portuguesa". — Hino Nacional.

Devemos ainda dizer que estas crianças, antes da vinda desta professora, nunca tinham aprendido nem executado nada disto, por não terem, talvez, quem para isso as educasse.

Sempre que o Vitória Sport Club, de Guimarães, passa nas Caldas das Taipas, de regresso de algum desafio realizado em Braga, entre outro club desta cidade, sobretudo se tem perdido, a sua passagem é ali assinalada pela expressão do "olha a beiga", proferida por dezenas, senão centenas de bocas, e o que é de veras de lamentar. E isto quando fica só por aqui, pois já tem acontecido as respectivas camionetas serem apedrejadas segundo nos consta.

Como acima dizemos, isto é de veras de lamentar, mas mais de lamentar ainda é que, entre rapazes de pé descalço, se encontram rapazes criados, calçados e engravataados, por assim dizer já homens, tomando parte na manifestação hostil e fazendo coro com os garotos da rua, em vez de os repreenderem e dispersarem.

Se a falta da F. N. R., nas Taipas, se faz sentir, é sobretudo nestas ocasiões.

É preciso que o rapazão ou as rapazes sejam metidos na ordem, para bem da terra e bom nome da mesma; de resto, não é assim que se educa nem deve educar a juventude, os homens de amanhã.

Quem nas ocasiões supra citadas, passasse nas Taipas, teria a impressão de que não estava numa terra civilizada, de Portugal Continental, mas sim em pleno Seridó Africano, e, realmente, seria caso para perguntar em que terra estavam: B, se alguém ousasse dizer, nessas ocasiões, a quem quer que ali se encontrasse estranho, que as Taipas, aquela terra tão cheia de encantos, pertencia ao concelho de Guimarães, ninguém o acreditaria, tal o espírito hostil com que, como acima dizemos, ali é assinalada a passagem dos briosos e Jordatos rapazes do Vitória de Guimarães, bem como os seus adeptos e admiradores que os acompanham.

Que Braga ainda empregue a expressão: "olha a beiga", admite se, em parte. Porém, que as Taipas a empreguem contra os do mesmo concelho, contra os seus irmãos, não se admite, é ridículo; é como se um irmão se revoltasse contra outro irmão, como se um filho se revoltasse contra sua própria mãe — se atendermos a que as Taipas são filhas de Guimarães, ou do concelho, de que fazem parte — ou, pelo menos, como se um irmão ou filho se regosiasse pelo mal que podesse ter sucedido a outro seu irmão ou mãe, e isso em favor dos vizinhos.

É preciso que as Taipas se compenem do seu papel e tenham em vista as atenções sempre recebidas do Vitória Sport Club, que mandou, sempre que foi preciso, os melhores dos seus jogadores, para substituição de alguns do Club de Caçadores das Taipas, quando este tinha de se defrontar com outro grupo de reconhecida superioridade.

Quer isto dizer que se odeie o Sporting, de Braga, ou qualquer outro grupo? De forma alguma; mas, em primeiro lugar, devemos, sempre, pugnar pelos de casa, pois isso não nos fica mal, porque é natural, e ninguém, nem mesmo os próprios elementos ou adeptos do Sporting ou qualquer outro grupo, nos podem ou devem tomar a mal.

De resto, adeptos de outro club, do Sporting, ou do Vitória, lá tem a sua liberdade, o seu modo de ver ou de pensar, se é que muitos pensam; mas, porque não sabem receber os jogadores deste último club, a quando a sua passagem ali, ou, pelo menos, porque os provocam, perdendo uma bela ocasião de estarem calçados, calando os seus sentimentos pouco dignos, sob este ponto de vista, de lóuvar e de serem emulados?

filhos ou tutelados, preparando os para serem os homens e chefes de família de amanhã?

Acaso os jogadores do Vitória receberiam mal algum dia, algum dos Taipenses, pequeno ou grande, em Guimarães? Decerto não. Urge, pois, que as Taipas se compenem do seu papel a desempenhar, a bem da terra e do concelho.

C.

S. Torcato, 9.

Na terça-feira passada, os dignos engenheiros da Repartição de Obras do Município de Guimarães principiaram no lugar de Mogêge, desta freguesia, a demarcação da nova estrada que directamente vai ligar S. Torcato a Santo António de Freitas — Fafe.

Esta nova via de comunicação, partindo deste ponto, atravessa muitos terrenos lavrados, que produzem muitos cereais e legumes, prejudica desta forma os seus proprietários, que estão muito descontentes por este facto, pois é certo que esta estrada tem outro ponto de ser construída, sem dar prejuízos à agricultura, e a contento de todos; partindo em Gonça no lugar da Portela, seguindo o caminho camarário a Vale de Moura, por cima do lugar do Vale, a Santo António de Freitas, fica a estrada nacional de Gonça com a de Freitas directamente ligadas, com pouco dispendio para o tesouro público.

A quem de direito, pedimos a sua atenção.

A digna mesa da Irmandade de S. Torcato já mandou dar principio à construção dum lindo altar, que vai ser colocado na linda capelinha da Agua-do-Santo.

Na quinta-feira passada esteve nesta estância e no Majestoso Templo de S. Torcato o sr. Ribeiro de Várzea, digno tesoureiro da mesa da Irmandade de S. Torcato.

Na paróquia igreja matriz e no majestoso Templo de S. Torcato tem decorrido com muita ordem e frequência, os exercícios do mês das Almas, graças ao esforço e boa vontade dos rev. Henrique José Gonçalves Pereira e Manuel Joaquim Gomes.

Na igreja matriz da vizinha freguesia de Gominhais os exercícios do mês das Almas tem sido muito concorridos.

A exemplo doutras localidades, impõe-se da máxima urgência a criação dum posto médico em S. Torcato, a fim de prestar assistência às classes humildes de onze freguesias rurais, que estão ansiosas que este importante melhoramento se torne um facto.

Já temos um bom facultativo, o sr. dr. Francisco Fernandes, que está sempre pronto com a sua boa vontade para a todos servir, mas para prestar o devido auxilio médico às classes necessitadas é preciso conceder-lhe e estipular-lhe um subsídio pelo cofre municipal.

Para este magno assunto, vimos pedir a atenção da Comissão A. da Câmara Municipal de Guimarães.

Nesta e noutras freguesias limítrofes, todos os cereais foram recolhidos dos campos e feitas as desfolhadas. A colheita é rendosa este ano; oxalá que a ganância dos proprietários não vá agravar mais a carestia do pão que é o alimento dos humildes desta terra. — C.

Sobre uma Correspondência

Do sr. José de Oliveira, das Taipas, recebemos o seguinte:

... Sr. Antonino Dias de Castro, meu digno director do «Notícias de Guimarães». — Guimarães.

No jornal «Notícias de Guimarães», que V. ... dirige proficentemente, vem publicada, com data de 6 do corrente, uma correspondência de Briteiros, em que sou alvejado deslealmente como correspondente do «Diário de Notícias» e do «Correio do Minho».

Venho pedir a V. ... a fineza de publicar no seu jornal as inclusas anotações à aludida correspondência, que não têm razão de ser. Não invoco para isto a Lei de imprensa, mas unicamente o carácter probo de V. ... e a sua qualidade de profissional da imprensa.

De V. ... int.º at.º e ven.º Taipas, 13-Novembro-1935. José de Oliveira.

ANOTAÇÕES

O correspondente de Briteiros para o jornal «Notícias de Guimarães» insurge-se contra nós por causa de umas notícias publicadas nos jornais «Diário de Notícias» e «Correio do Minho».

Porquê? Por termos afirmado no «Diário de Notícias» que a nomeação do sr. P.ª Silva Gonçalves, escritor e antigo senador católico, para pároco das Taipas foi bem recebida, tendo S. R.ª sido cumprimentado pelas entidades e corporações da paróquia; e por termos noticiado no «Correio do Minho» o nome das pessoas illustres que da Póvoa de Varzim e outras localidades têm visitado o novo Reitor das Taipas.

Os acontecimentos vergonhosos das Taipas do dia 9 de Outubro, estão já tão esclarecidos, que hoje podem ser apreciados com serenidade,

sem receio de errar, pois de um lado estão as pessoas criteriosas e de boa fé, e por conseguinte reprovando tudo o que se deu, e do outro lado os desordeiros, — o «pé descalço».

Ninguém, absolutamente ninguém, por mais ignorante que seja, mas dotado de educação, pode dar a sua aprovação ou concordância a uma tratantada daquelas, só própria de gente de sentimentos baixos, ou mesmo desqualificada.

Felizmente para honra da imprensa e para bem das Taipas (as Taipas não são meia dúzia de canalhas) todos os representantes do jornalismo, nesta povoação, — a pesar de professarem ideias por vezes opostas — querem em religião, querem em politica — não perderam a noção do que devem a si mesmos e à linda terra onde nasceram ou onde vivem e deram provas de cavalheirismo que não é de mais arquivar.

Mas veio um cidadão estranho, que vive numa aldeia limítrofe e não tem em que empregar o tempo, — petulante, atrevido e mentiroso, — nuns semanários, onde por certo não o conhecem — pontificando descarada e cinicamente — é bem o qualificativo — como possuidor do sentir das Taipas e julgando os outros da sua força...

Sem pretendermos dar lições de jornalismo a ninguém, ocorre-nos dizer que o sr. Ferreira dos Santos melhor faria em estar calado e ser correcto e verdadeiro na sua missão de correspondente de jornais.

Umas vezes, ridículo em exaltações de casa, presta homenagem nas garetas à sua tia, professora de Briteiros (Salvador) — (e não S. Salvador, como ignorantemente costumam encimar as suas correspondências) — outras vezes tentando ferrar as canelas dos outros, mesmo que sejam ruínas de roer...

Mas não lhe levamos isso a mal, nem nunca o criticáramos por isso...

Querendo qualificar-nos de menos verdadeiro, falta à verdade desastrosamente:

E' mentira que antes do dia 31 do mês findo não tivéssemos posto em destaque as homenagens frequentes e cumprimentos ao novo pároco desta povoação (vidé «Correio do Minho» de 17 de Outubro, em correspondência de 15), o que desfaz a arguição de «espírito imitador».

A notícia de 1 do corrente e publicada em 3 (e não em 31 do p. p.; até citando mente!)... somente destacava a estima dos antigos paroquianos do sr. P.ª Silva Gonçalves, na maioria pessoas altamente categorizadas da Póvoa de Varzim.

O cómico correspondente de aldeia... de Briteiros bem mostra ignorar o que diz respeito à vida das Taipas (ou não tem escrúpulo em burlar conscientemente os seus leitores), pois informa que o sr. P.ª José era pároco das Taipas, quando era apenas simples vigário cooperador do pároco.

O solícito correspondente de Briteiros, a falta de assunto caseiro, vem às Taipas rebuscar o movimento do registro civil e do mercado, assuntos que aqui por vezes se despresam, porque há outros de importância a tratar.

O escrúpulo do sr. correspondente vê-se também ao afirmar que uma «grande multidão» saiu para a rua dizendo ao sr. P.ª Silva Gonçalves que se fosse embora, pois não pagaria os direitos paroquiais senão ao sr. P.ª José.

Multidão?! Repetimos: meia dúzia de «pés descalços», que não pagaram nunca a pároco nenhum.

A multidão acorreu ao toque dos sinos a rebate, julgando tratar-se de incêndio ou desastre, ludibriada por quem tocou os sinos e arrombou a porta da igreja para o fazer...

A multidão assistiu surpreendida à cena burlesca dos irresponsáveis e suggestionados por quem... tinha tanta falta de miolos como abundância de orgulho.

E só pessoas ignaras podiam fazer ameaças de não pagar direitos ao legítimo pároco, pagando-os a um sacerdote que não era pároco.

Finalmente, verifica-se que o sr. correspondente está a fazer frete aos... tavões; pois, de contrário, não mentia sujeitando-se a esta lição de probidade profissional e teria feito justiça aos méritos do sr. P.ª Silva Gonçalves, reconhecido no país como um valor e a quem as Taipas muito devem, como fácil seria provar, por artigos de propaganda da nossa Estância Termal dispersos pelos maiores diários de Portugal e transcritos no Brazil e que têm tido a honra de ser traduzidos em linguas estrangeiras.

José de Oliveira.

ANÚNCIO

No dia 24 do corrente mês de Novembro, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, para serem entregues a quem maior lance oferecer acima da avaliação, dos imóveis em seguida mencionados, penhorados ao executado Manuel Augusto Duarte, casado, negociante, do Largo 1.º de Maio, desta cidade, nos autos de execução de sentença que lhe move a firma Bernardino Jordão, F.ºs & C.ª, L.da, com sede nesta cidade.

IMÓVEIS

Uma morada de casas com os n.ºs 38 e 40, de policia, sita na Rua Elias Garcia, desta cidade. Está descrita

na conservatória sob o n.º 23.751 e vai à praça pela quantia de 7.000\$00.

Uma morada de casas com horta, sita, com os n.ºs 1 a 7, de policia, na Rua de Trás-de-Gaia, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.252 e vai à praça pela quantia de 3.000\$00.

Uma morada de casas situada, com os n.ºs 5 e 7, de policia, no bêco de Trás-de-Gaia, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.253 e vai à praça pela quantia de 3.000\$00.

Uma morada de casas com o n.º 9 de policia, situada no bêco de Trás-de-Gaia, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.254 e vai à praça pela quantia de 3.000\$00.

Uma morada de casas situada, com os n.ºs 11 e 13, de policia, no bêco de Trás-de-Gaia, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.255 e vai à praça pela quantia de 1.200\$00.

Uma morada de casas situada, com os n.ºs 11 e 13, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.256 e vai à praça pela quantia de 2.500\$00.

Uma morada de casas situada, com o n.º 15, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.257, e vai à praça pela quantia de 1.500\$00.

Uma morada de casas, com o n.º 17, de policia, sita na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.258 e vai à praça pela quantia de 1.500\$00.

Uma morada de casas situada, com o n.º 19, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.259 e vai à praça pela quantia de 1.500\$00.

Uma morada de casas situada, com os n.ºs 21, 23 e 25, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.260 e vai à praça pela quantia de 3.000\$00.

Uma morada de casas situada, com o n.º 27, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.261 e vai à praça pela quantia de 1.500\$00.

Cinco moradas de casas, com os n.ºs 34, 36, 38, 40 e 42, de policia, sendo uma de dois andares, no lado fronteiro à rua das Lameiras, e com quintal com ramadas e árvores de fruto e avidadas, sitas na rua do Montinho, desta cidade, fazendo também frente para aquela rua das Lameiras. São os prédios descritos na conservatória sob o n.º 31.262 e vão à praça pela quantia de 23.000\$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos. Guimarães, 2 de Novembro de 1935. O chefe da 2.ª secção, Luis Cândido Lopes.

Verifiquei. O Juiz de Direito, Silva Leal.

Sociedade por cotas

Por escritura de 7 de Novembro de 1935, lavrada a folhas 40 do meu livro de notas número 326, ficou constituída entre Francisco da Silva Oliveira, casado, industrial, da freguesia de Guilhabreu, Narcizo José Barros, casado, industrial, da freguesia de Avelãda, Carlos Gonçalves dos Santos, casado, industrial, da freguesia de Vilar, José Fernandes da Silva, casado, industrial, da freguesia de Avelãda, todos desta comarca, uma sociedade por cotas nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO) A sociedade adopta a denominação «Moagem do Minho, Limitada», tendo a sua sede na cidade e comarca de Guimarães. SEGUNDO) O seu objecto é a industria de moagem, podendo realizar quaisquer outras operações comerciais que a sociedade delibere effectuar, com excepção do comércio bancário. TERCEIRO) A sua duração é por tempo indeterminado, tendo o seu inicio nesta data. QUARTO) O capital social, inteiramente realizado em dinheiro é de quatrocentos mil escudos, sendo de cem mil escudos a cota de cada um dos quatro sócios e aqui autorgantes. QUINTO) A cessão de cotas é livremente dos sócios. A favor de extranhos, porém, só poderá ser feita quando nem a sociedade nem qualquer dos sócios queiram preferir. § PRIMEIRO) Em primeiro lugar terá preferência a sociedade e depois os sócios. § SEGUNDO) No caso de mais de um sócio querer usar do direito de preferência será a cota a ceder dividida por esses sócios proporcionalmente às suas cotas na sociedade. SEXTO) Por morte ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade continuará com os respectivos herdeiros ou representante, devendo aqueles nomear um de entre eles que a todos represente na sociedade. § UNICO) A divisão da cota ficará dependente de autorização da sociedade. SETIMO) A gerência social, dispensada de caução, pertence a todos os sócios, que entre si dividirão os serviços como entenderem. § PRIMEIRO) Para obrigar a sociedade bastará a intervenção de dois gerentes. § SEGUNDO) A sociedade será

sempre representada em juizo por dois dos seus gerentes. OITAVO) Qualquer dos sócios poderá exercer explorados pela sociedade, e bem assim negociar com ela. Neste último caso, porém, deverá a sociedade ser sempre representada no negocio por dois dos outros sócios. NONO) Os balanços sociais serão dados anualmente e em trinta e um de Dezembro; e, dos lucros líquidos que elles acusarem, retirar-se-hão pelo menos, cinco por cento para formação ou reintegração do fundo de reserva legal, bem como as quantias que os sócios resolverem destinar para quaisquer amortizações ou para outros fundos. O excedente, bem como os prejuizos, quando os houver, será dividido proporcionalmente pelas cotas. DECIMO) Os sócios renunciam por si e seus sucessores ao direito de requerer imposição de selos ou arrolamento nos haveres sociais. DECIMO PRIMEIRO) As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas com a antecipação mínima de oito dias, sempre que a lei não exija outro prazo e formalidades. Nelas poderão os sócios fazer-se representar uns pelos outros mediante simples cartas. DECIMO SEGUNDO) Além dos casos previstos na lei, a sociedade poderá dissolver-se também por simples vontade de qualquer dos sócios, que todavia só poderá usar desse direito depois de haver oferecido aos outros sócios, por meio de cartas registadas e com aviso de recepção, vender-lhes a sua cota por determinado preço ou comprar por preços proporcionalmente equivalentes, à opção destes, e destes não haverem aceitado, dentro do prazo de 8 dias, a contar da recepção das referidas cartas, qualquer uma dessas duas modalidades. DECIMO TERCEIRO) Em qualquer caso de dissolução, sempre que seja legalmente possível e os sócios não resolvam unanimemente o contrario, proceder-se-há à liquidação adjudicando-se todo o activo e passivo sociais ao sócio ou sócios que por aquele oferecer melhor preço em licitação verbal. DECIMO QUARTO) Em todos os casos omis seus regulatório as disposições da lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação applicável.

O Notário, António Maria Pereira Júnior

EDITAL

António José Pereira de Lima, administrador do concelho de Guimarães;

Faz público que, para os devidos efeitos e para cumprimento do art.º 8.º do Decreto n.º 8364 de 25 de Agosto de 1922, a esta secção administrativa da Câmara baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é do teor seguinte.

Augusto Fernandes, Engenheiro Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial.

Faz saber que, Brito & Gomes, Limitada, requereu licença para instalar uma fábrica de tecidos de algodão incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de barulho, trepidações, perigo de incêndio, emanações e fumos nocivos, e inquinação das águas, na rua Dr. Pereira Caldas, freguesia de S. Miguel das Caldas, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com Terrenos de D. Maria Augusta Sotto Mayor e Menezes, ao sul com a rua Dr. Pereira Caldas e com a casa de António da Costa Ferreira Campos, a nascente com Terrenos de Francisco da Silva Salgado e José Joaquim Pereira Sotto Mayor e Menezes e D. Maria Ermelinda Coelho Caldas e a poente com o Regato público.

Nos termos do regulamento das industrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 3) dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede no Pôrto, rua de Sá da Bandeira, n.º 112-2.º andar.

Pôrto, e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial em 12 de Novembro de 1935.

O Engenheiro Chefe, Augusto Fernandes.

E' o quanto se contém no referido edital. Guimarães, Secção Administrativa, aos 14 de Novembro de 1935. E en, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secretaria da secção administrativa, o escreveu. António José Pereira de Lima

Éditos de 30 dias

(2.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Guimarães e primeira secção da respectiva Secretaria, correm éditos de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os portadores e quaisquer interessados incertos que se julguem com direito aos dividendos não pagos, das acções da Companhia dos Banhos de Vizela, números: 26, 27, 28, 29, 30, 46, 52, 211, 484, 506, 679, 698, 869, 870, 871, 872, 873, 1028, 1040, 1942, 2185, 2443, 2531, 2532, 2635, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 3503 e 3504, relativos aos anos de 1896 a 1910 e desde 1913 a 1917, e os que tenham direito aos juros das obrigações da mesma Companhia, números: 6, 7, 8, 259, 318, 319, 373, 376, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 547, 548, 549, 637 e 672, também não pagos desde o ano de 1916 a 1929, para deduzirem a sua habilitação no prazo de 8 dias, depois de findo o prazo dos éditos, sob pena de nos termos do § 4.º do art.º 71 do Dec.º 10.634, as importâncias dos dividendos e juros referidos serem declaradas vagas, e adjudicadas ao Estado.

Guimarães, 2 de Novembro de 1935. Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito, Silva Leal. O Chefe interino da 1.ª Secção, Euripides Eleazar de Brito.

Advertisement for Oriental toothpaste featuring an illustration of a woman's face and the text 'Orienta NÃO HA MELHOR PASTA PARA DENTES'.

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO

ADVOGADOS. Escritório - R. Gravador Molarinho, 32 (Baixos da Assembleia). TELEFONE, 58

20.000\$00! Empréstimo sobre hipoteca. Informes nesta redacção.

Dinheiro

Cede-se um crédito de 20 contos a primeira hipoteca a juro de 8%, por motivo de retirada. Esta redacção informa.

CAMISAS-GRAVATAS GRAVATAS-CAMISAS

SÓ NA LOJA DAS CAMISAS JUNTO AO CAFÉ ORIENTAL

VENDEM-SE 6 quintas todas juntas à beira da estrada. Tem bastantes bouças com carvalhos, pinheiros e eucaliptos e diversas ramadas. Pagam 27 carros de cereais. Trata o solicitador Augusto Silva.

Garrapas Vazias

Compram-se na PENSÃO COMERCIAL Toural Guimarães

trativa, aos 14 de Novembro de 1935. E en, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secretaria da secção administrativa, o escreveu. António José Pereira de Lima

RIBEIRO, FILHO

(ALFAITE)

Convida os seus Ex.ºs Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que recebeu para a presente estação de inverno, que tem em exposição na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.